

ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Os Pescadores do Golfo: Antropologia Econômica de uma Comunidade Norte-Americana*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984, 140 p.

Há um elemento que atrai, de saída, o leitor, para o livro de George de Cerqueira Leite Zarur: a obra oferece uma visão de pequena comunidade dos Estados Unidos na perspectiva do antropólogo latino-americano. Normalmente, o que se tem — e esse é um fenômeno estatístico, que reflete o padrão centro-periferia que caracteriza o desenvolvimento das ciências sociais no mundo inteiro — é o antropólogo do país desenvolvido chegando à comunidade “primitiva” do país do Terceiro Mundo, para ali aplicar seus métodos, suas teorias e desenvolver sua vocação antropológica (às vezes, até antropofágica . . .). Foi assim que a falecida Margaret Mead construiu sua reputação (com os nativos da Polinésia servindo para a elaboração de suas teses). Isto não quer dizer que os antropólogos originados de nações ricas tenham se servido inadequadamente do material que o homem do mundo menos desenvolvido lhes oferece. Oscar Lewis, introdutor da noção da “cultura da pobreza”, David Mayburry-Lewis, que estudou índios brasileiros, Charles Wagley, autor de *Amazon Town* (Nova Iorque, Alfred Knopf, 1968), Manning Nash podem ser citados para revelar a contribuição legítima que antropólogos de países ricos têm oferecido a partir de seus estudos de povos, comunidades, tribos em estágio de desenvolvimento mais rudimentar no Terceiro Mundo.

Pois bem, em face dessa tradição, onde é mais comum encontrar relações pesquisador-pesquisado do tipo Norte-Sul ou apenas Sul-Sul (Roberto da Matta e os índios apinayé, Roberto Motta e as comunidades de culto afro-brasileiro, por exemplo), surpreende que apareça uma obra como esta de George Zarur, *Os Pescadores do Golfo: Antropologia Econômica de uma Comunidade Norte-Americana*. Trata-se, segundo o autor, de livro escrito a partir de tese de doutorado (para a Universidade da Flórida), visando “um público maior do que o dos especialistas no campo [da antropologia]” (p. 9). É como parte desse “público maior”, e por ser o livro “um estudo de Antropologia Econômica” (p. 9) que, como economista, me arrisco a tecer os presentes comentários.

A obra, de fato, concentra seu interesse principal em procurar estabelecer as coordenadas (1) de funcionamento do sistema econômico da comunidade estudada, Mullet Springs — nome imaginário de uma aldeia de pescadores do noroeste da Flórida, situada no Golfo do México e fazendo parte do condado (*county*, em inglês) de Cohen —, e (2) de inserção (tomando como elemento da observação seu comportamento econômico) dos integrantes do grupo na economia local. Para isso, o livro dispõe de uma estrutura didática: começa (capítulos 2 e 3) falando do condado e da vila; prossegue com o enfoque da distribuição na economia em face das classes sociais (capítulo 4), tratando a seguir da produção que caracteriza a comunidade (capítulo 5); valores e problemas de organização constituem assunto do cap. 6; a seguir, há um hiato puramente antropológico na obra — e questão do parentesco (capítulo 7) e a dos nativos e forasteiros,

chamados de *outsiders* (capítulo 8); o problema das classes sociais e níveis de renda é objeto do capítulo 9, fechando-se a obra com um capítulo de conclusões, o décimo, onde racionalidade (econômica), ideologia e realidade, sobretudo realidade econômica, são confrontadas num esforço de entendimento das forças que sustentam uma comunidade como a de *Mullet Springs*, uma comunidade, além de primitiva, pobre, pelos padrões americanos.

Antes de chegar ao tema da comunidade pesquisada – na qual o autor permaneceu meio ano (março-agosto de 1974) como antropólogo residente (fazendo observação participante) –, George Zarur elabora, no capítulo 1 do livro, interessante reflexão sobre uma antropologia descolonizada. A reflexão serve não somente para antropólogos, mas para economistas, sociólogos, cientistas políticos etc. O fato, por exemplo, de que, como “latino” – situação ambígua, nem branco nem preto, numa sociedade racista –, Zarur precisou de compreensão especial para superar as reservas da população estudada, constitui ponto a ser meditado. Sabe-se, a propósito, como as portas brasileiras – portas pesadas, muitas vezes – abrem-se com facilidade a brasilianistas que aqui aportam para estudar assuntos quentes como militares na política. A contrapartida do pesquisador nordestino que fosse estudar a interferência das forças armadas ianques no Governo Kennedy, por exemplo, não contaria com correspondente liberalidade. No capítulo 1 do livro, Zarur aborda uma outra questão do maior interesse para a pesquisa social – a “da representatividade da comunidade estudada” (pp. 30 *et seqs.*).

Devo dizer que, apesar das qualidades da obra, o livro de Zarur deixa certas reservas num leitor-economista. Há nele imprecisões, como a que diz respeito à substituíbilidade de bens (p. 57), um assunto em que a teoria econômica desenvolveu métodos de análise sofisticados. Na Tabela III (p. 58) do livro, preços em dólares por libra-peso, de *blue crabs*, são comparados com preços em dólares por dúzia. No capítulo 5, “Economia: produção”, o que a obra oferece é muita descrição dispensável em lugar daquilo do que mais se precisava: *insights*. No capítulo 6, “Valores e problemas de organização”, por sua vez, há mais reportagem que análise. E no início da p. 117 há uma comparação entre custo de vida dos Estados Unidos e do Brasil elaborada de uma forma que o economista não sanciona. A leitura do texto, contudo, é recomendada para aqueles que, desejando compreender a natureza das relações sociais em diversos sistemas, interessam-se também por saber como a vida de um grupo de pessoas nos Estados Unidos é olhada por um antropólogo brasileiro. Neste sentido, numa linha em que se pode destacar um artigo de juventude de Gilberto Freyre sobre o Sul dos Estados Unidos – artigo de jornal, curto, é verdade, mas preciso como retrato (*Diário de Pernambuco* de 3 de novembro de 1918. Reproduzido em G. Freyre, *Tempo de Aprender*. S. Paulo, IBRASA; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979, vol. 1, pp. 39-42) – e em que se situa a obra de Gunnar Myrdal, *The American Dilemma*, este, um estudo mais do tipo Norte-Norte, a contribuição de George Zarur, que literariamente falando não se pode considerar obra esmerada, não pode passar despercebida.

Clóvis Cavalcanti

Superintendente do Instituto de Pesquisas Sociais
da Fundação Joaquim Nabuco